

Nitya

Issue 01, May 2026

नित्य

Maybe, in Motion
Coral Sharma

**Desencontro
contemporâneo**
Luciana Inhan

Luz rechazada
Daniela Rojas

Não Sei. Você Sabe?
Livia Damasceno

Para ti
Daniela Hinojosa

Tragédias
Thiago G. Almeida
& Poli Desa

Resonância Consonántica
Antonio López

**Retrato de uma noite:
uma vida**
Romeu Románovitch



Maybe, in Motion

Coral Sharma

Maybe love is not a place we arrive at, but a series of small movements toward each other.
A chair pulled closer.
A silence that does not ache.
Fingers learning the geography of another hand.

Maybe, one evening, we will sit side by side watching the sun dissolve into something softer. Not speaking, not needing to, just existing in the quiet migration from strangers to something unnamed. And maybe I will tell you about the fracture. Not just the bone that broke, but the way time slowed around it, how pain taught me the language of waiting. You might laugh, gently, and offer me a story of your own. About the first time your heart leaned toward someone who did not stay.

We will map our pasts like constellations, connecting what hurt to what healed.

If the rain comes, let it. Let it interrupt us mid-sentence. Let it rewrite the evening. Hold me not like a promise of forever, but like a moment that chooses to stay, despite knowing it does not have to.

Tell me I am still beautiful, not as reassurance, but as recognition. As if you are discovering it in real time.

Maybe we will move again. Through crowded streets, through laughter that spills too easily, through a night at a theme park where everything spins and glows and we forget, briefly, how heavy the world can be.

Or maybe we will just dance. Not to music, but to the rhythm of rain against borrowed time.

And in that movement, between what was, what is, and what might never be, we will find something quieter than forever, but far more honest.

A moment that chose us back.

Maybe.

Desencontro contemporâneo

Luciana Inhan

Das coisas mais difíceis da vida são os encontros. Esse tropeço que leva o cruzar de olhos e reconhecimento de almas. Mas não há mais olhos se encontrando. Apenas esbarrões, toques sem tato, um quase atravessar de corpos como sombras. Semitransparentes. O sangue ainda corre, o coração pulsa, mas estão todos ocupados demais para ouvir qualquer coisa. "Me desculpe". Possuem também seus fones de ouvido. Atravessamos vidas de forma tão superficial que não parece que as mãos foram dadas em algum momento. Nem sequer que nossos corpos habitaram desejo num mesmo instante. A desconexão é instantânea, tal qual tirar o cabo da tomada. Ali já não há mais energia, não há mais vida. O relógio marca 18h, mas não há ninguém à espera.

Luz rechaza zada

Daniela Rojas

Alguna vez fui mariposa,
un manojo de luz en vuelo.
Fui fuerza y fragilidad
hechas escamas.

También fui pluma,
un puñado de color
destinado a ser despojo.

Pero caí.

Ni como mariposa,
ni como pluma,
como cae una hoja seca
en medio del otoño.

Caí.

No soy más que
luz rechazada.

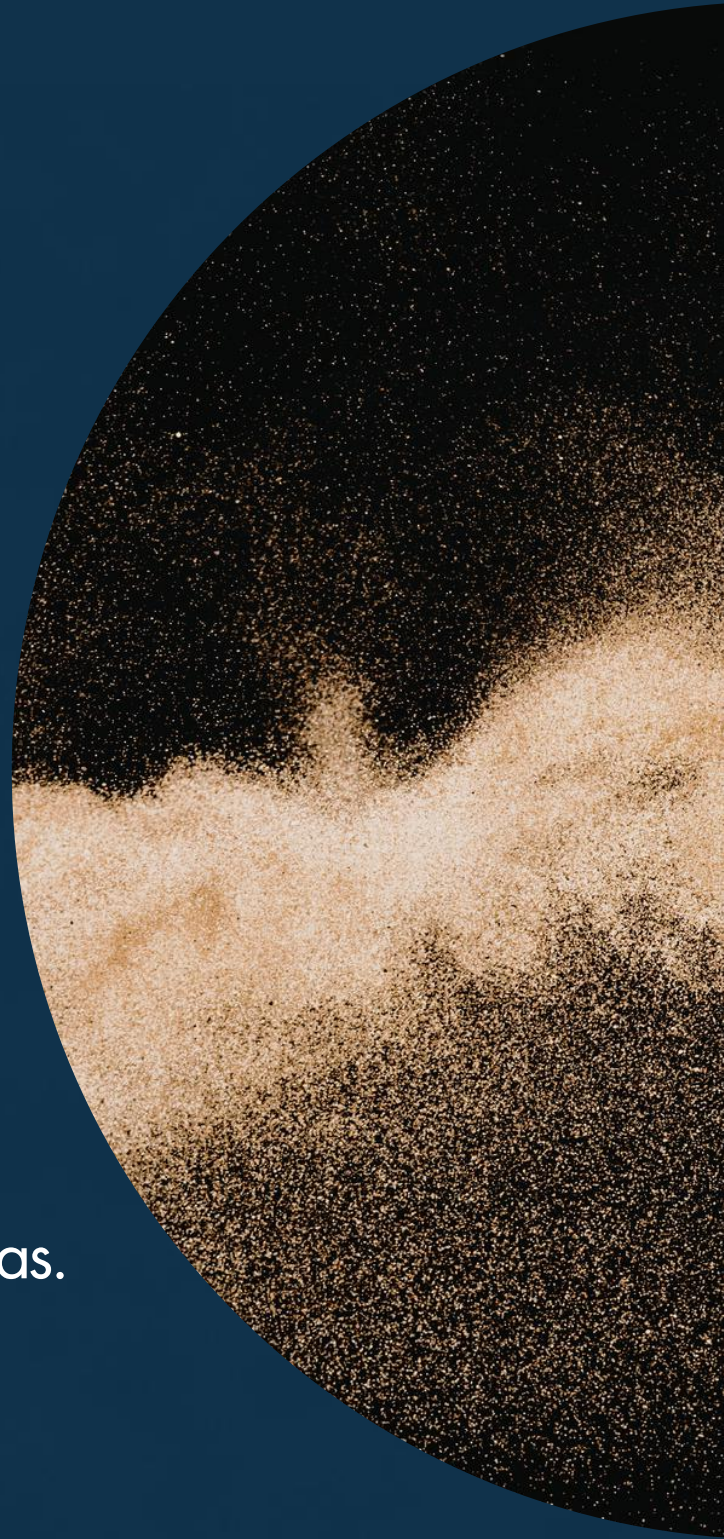
En el suelo,
aguardando el golpe del
viento, o la fuerza de los
pies.

Me desintegro.

Pero aún hay luz.

Para que brillen otras mariposas.
Para que más plumas
permanezcan en el viento.

Y entonces,
cuánta belleza hay en la caída.



Não Sei. Você Sabe?

Livia Damasceno

Eu não sei o que é sucesso, não sei mesmo. Mas depende de quem e como vai chegar. Como você pretende perguntar? Tomando uma taça de vinho, uma xícara de café, um copo de suco de laranja ou maracujá? Quando e onde? No quarto às sete da noite, na sala às cinco da tarde, no parque às nove da manhã ou em algum outro lugar em um horário a decifrar? O que vai questionar? Quer saber o que é sucesso geral, sucesso profissional, sucesso acadêmico, sucesso familiar ou qualquer outro sucesso? Seja específico e, então, talvez, sem nenhuma certeza posso afirmar, no entanto, talvez eu saiba te responder.

Mas pode esperar que lhe devolverei a pergunta e ainda contestarei, então veja bem o que pretende perguntar. Mas sucesso pra mim é coisa simples, de outro mundo, mas simples. Sucesso é o aconchego do meu lar, mas também pode ser viajar. Sucesso é ter as pessoas que amo ao meu lado, mas também pode ser ficar sozinha por um período de tempo, escutar meus pensamentos e sorrir sem companhia ao me lembrar que a vida ainda é boa... é bela. Sucesso não deve ser generalizado, na sociedade sucesso pode ser constituir família, ter a casa lotada de crianças, ou ainda ter somente uma, quiçá nenhuma e viver você e seu cônjuge... Até mesmo viver sem cônjuge. Sucesso é subjetivo, e isso é o que o deixa tão bonito. Sucesso pode ser encantador ou só um monte de dinheiro feito sem amor. Sucesso pode ser sentimento, pode ser acaento, mas também pode ser frieza, pode ser cálculo sem margem de erro, pode ser solidão... Sucesso não é pra mim o que é pra você, é coisa diferente, é coisa pessoal. De acordo com o Aurélio: "Sucesso é resultado positivo; êxito; prosperidade. O sucesso é o estado de obter um resultado feliz ou satisfatório em algo." Te falei, sucesso é subjetivo... Mas pra mim é coisa simples.

Para ti

Daniela Hinojosa

Bello es sustituir las cinco letras
de tu nombre
Para llamarte amor

Bello es despertar los poros de tu piel
Con las puntas de mis dedos
Desfallecer constantemente en éxtasis
Y robarnos el aliento

Bello es abrazarnos nuestras manos
Mientras deambulamos por las calles
sin destino,
Desnudarte con la vista el alma
Y recorrer los laberintos de tu mente
Cuando me compartes tus memorias

Bello es reprimir mis deseos
Para satisfacerlos con sus besos
Sentirme tuya, sólo tuya
En medio de una oleada abrasadora

Bello es admirarte y saberte mío
Imaginar una primavera eterna a tu lado
Amar nuestras imperfecciones
Y permanecer en fracciones indivisibles del
tiempo

Belleza es ir por la vida amándote,
sintiéndote
Caminando hombro con hombro
Sabiendo que a diario elegimos
amarnos
Y en esa elección
hallamos nuestro ser.



Tragédias

Thiago G. Almeida
& Poli Desa

Aos 15 anos Josi escreveu um bilhete no verso da folha da prova de português pedindo ajuda.

“Toda noite o homem entra no meu quarto e ninguém me acode. Me ajuda professora.”

A professora não levou a sério e o tempo passou.

Fim do ano, época das provas orais. Na sua vez, emudeceu e chorou. Foi levada para a sala da diretora, que a questionou sobre o motivo de sua recusa.

Josi repetiu: "Me ajude senhora, já não consigo estudar, tenho nem cabeça para brincar na rua com os colegas. Toda noite fico em claro com medo da quele homem me fazer mal".

A diretora procurou a mãe de Josi para perguntar sobre o tal homem. Lourdes disse que não esquentasse a cabeça, que não tinha homem nenhum, tudo ideia da cabeça da filha.

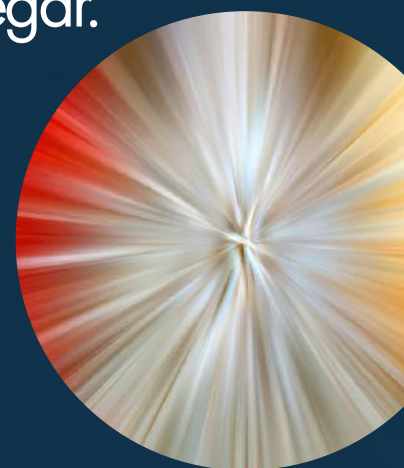
A diretora então parou de esquentar a cabeça.

O tempo passou novamente. Veio o ano seguinte.

Josiane pediu ajuda às irmãs. Apenas a caçula se pronunciou: "vai no padre".

Dias depois, voltando da escola, Josiane procurou pelo padre, pediu para se confessar. Contou tudo ao pároco. Escutou dele que um tanto de reza e fé iriam ajudar, mas que não preocupasse, deus não entrega a ninguém cruz maior do que se pode carregar.

Desesperou-se.



Restou apenas contar tudo para sua mãe. Levou um tapa na cara e foi posta de castigo.

Pensava no padre, pensava em deus, não conseguia entender o peso da cruz.

Um dia começaram a notar sua barriga, e logo foi chamada na sala da diretora da escola. Perguntada sobre como aquilo havia acontecido, respondeu: "Foi vontade de deus,". Acharam que era deboche e gritaram com ela, queriam a verdade. "É a verdade, Deus quer que eu guarde na minha barriga meu irmãozinho, pra eu cuidar dele".

Josiane parou de frequentar a escola. Tempos depois já não era vista nem na rua. Diziam que tinha sido levada para outra cidade onde fez seu parto e entregou o recém-nascido para doação.

No ano seguinte voltou a ser vista na cidade, mas não retornou para a escola. Nunca mais.

Conseguiu emprego, mas todo o resto lhe faltava. Os rapazes nunca se aproximavam. As amigas tinham vergonha de serem vistas em sua companhia.

O tempo continuava a passar, e o povo parecia nunca esquecer do ocorrido. Nunca entendeu o motivo de ninguém a ter acudido.

Um dia a vida ficou pesada demais. Decidiu recomeçar em outro canto. Deixou tudo para trás e seguiu seu rumo com um peso no coração.

Desapareceu da cidade, mas ninguém notou.

Rose era feliz, se dizia sortuda por ter levado uma vida tola, sem muitas delícias, mas também de poucas tristezas.

Teve os homens que quis, mesmo que às escondidas. Quando decidiu se casar, escolheu a dedo o marido. Construiu sua casa no seu bairro favorito e a pintou de azul. Tinha uma piscina para os finais de semana, emprego estável, salário justo. Não podia ter filhos, mas adotou o certo: carinhoso, companheiro e bem educado.

Nunca viajou ao exterior, mas em todos os verões alugava uma casa na praia do Espírito Santo.

Aprendeu a dirigir, comprou seu carro, organizava o terço e era considerada pilar da comunidade.

Ainda jovem, começou a enlouquecer. Não teve tempo de compreender o que acontecia com sua mente, foi atropelada por uma esclerose avassaladora. Ao menos durou pouco.

Num domingo, voltou da missa e como sempre fazia foi arrumar o almoço. Seu marido estranhou a demora, e quando chegou na cozinha encontrou a mulher em chamas.

Havia atirado álcool no corpo e riscado um fósforo.

O Marido, assombrado, perguntava por que ela havia feito aquilo, enquanto a puxava da cozinha na direção da piscina. Ela apenas dizia "não dói, não se preocupe".

Caiu na água, o fogo se apagou. O marido a levou para o carro e partiu em direção ao hospital. No caminho, ela repetia: "não dói, não se preocupe". Sua pele se desprendia do corpo, assim como sua consciência. Chegou morta na emergência.

No bairro, todos se espantaram com a notícia. Menos pela perda da vizinha, talvez, mais pelo silêncio com o que tudo transcorreu.



Resonancia conso nánti ca

Antonio López

Podría irme al otro
lado del mundo
y seguiría
pensándote.

Te observo cuando
llegas
y cuanto te vas.
Pasan los días y mi
sentimiento no cambia.

Las aves pasan,
las nubes descargan,
las colinas reverdecen,
mientras yo sigo sintiéndote.

Podría perderme en el camino, fracasar 1007 veces, y la consciencia de tu existencia me salvaría en mi paso por Bahia.

Mañana llego a Goiana, y creo haberte visto mientras contemplaba el sol nacer. A pesar de la distancia continuó siguiéndote.

La razón me pide nuestro reencuentro. Aunque es irrelevante para mí, pues tu cuerpo en mi memoria es mi mayor ganancia.

Dejarte fue mi mayor acto de fé, pues sé que, tú y yo, somos consonantes. Eres mi confort mientras camino por esta ciudad sin alma, imaginándote.

Trabajo y leo, tú, mi fuente de inspiración, al escribir. En este momento, que me tengo que ir, nuevamente, te pienso y te anhelo con ansia.



Retrato de uma noite: uma vida

Romeu Românovitch

Sete horas da manhã é cedo demais para tomar qualquer decisão e mesmo assim já estava atrasado, mas tudo bem, era quinta-feira e atrasos fazem parte da minha rotina. Nada de novo nisso... nunca há nada de realmente novo. Nothing ever happens!

Não sou do tipo que acorda muito cedo, mas gosto das manhãs e acho que elas foram feitas para serem apreciadas com uma xícara de café e um roupão; apreciadas durante uma cagada. Mas não estava com essa moral toda. Trabalho. Trabalho um trabalho formal: calça, camisa, luz azul e enxaqueca.

Apressado e com fome fui caminho a fora tentando recobrar o porquê do esforço que fazia, e não aceitava minhas próprias respostas, pois sabia que não estava sendo honesto comigo mesmo. Não me importo em mentir, nem mesmo de mentir para mim mesmo. Contudo, não gosto de ser feito de bobo (mesmo que por vezes me faça de bobo — mas não gosto!) e se minto para mim, devo mentir bem, cair na própria mentira, vencer a mim mesmo para que a parte vencida vença outros fora de mim. Desta forma consigo falar a verdade e mentir, mentir a mais inverossímil verdade, mas que, no entanto, é a única verdade.

Às sete e quarenta (mais ou menos) entrei pela porta do escritório e lá estava, fixado no chão, feito árvore milenar, o assento que havia sido reservado para mim durante toda a manhã e tarde, no lugar que representava tudo o que considerava decadente, mas infelizmente aceitava por temor tolo. Acontece que é comum que queiramos fazer coisas que não fazemos: e não só não as fazemos como não fazemos nada — ou melhor: fazemos ainda aquilo que é ação do medo. De modo que nosso desejo não guia nossas ações, pois elas são antes, frutos de nossos medos: tememos a reação externa a ação tomada a partir do desejo, e mantemos como força gravitacional central da ação o medo. Passei toda minha manhã pensando nisso, nada produzi, nada fiz senão pensar na morte dessa bezerrinha.

Às onze horas me senti eufórico; podia sentir meu cérebro melancólico cedendo espaço para meu jovem e esperançoso coração!

Peguei a carteira e desliguei o computador e saí. Andava rumo ao restaurante que costumo almoçar quase diariamente, porém, desta vez, andava mais devagar e reparava mais atentamente nas vitrines. Em determinada altura do meu trajeto, não muito longo, reparei em cantil prata, verdadeiramente bonito: uma tira de couro o contornava horizontalmente com a figura de uma águia ao centro. Nunca fiz o estilo econômico ou investidor, tampouco pensei sobre as utilidades de ter ou não um cantil, não meditei sobre se poderia ou não pagar — sabia que podia! mas de todo modo, se não houvesse dinheiro, apenas não haveria dinheiro. Não há tragédia real nisso. Não me alonguei muito na loja, comprei o cantil e parti eufórico e com fome para a Maria Mineira, restaureco simples de comida caseira, ficava na rua principal, bem na esquina da... e era o melhor que podia pagar. Não era só o preço que me convidava ao restaurante, lá havia o melhor tutu de todo o bairro São Mateus.

Almocei. Voltei a caminhar de volta ao trabalho, caminho longo... caminho longo quando se está pesado: pós almoço. E fui passo a passo, e passo a passo foi crescendo em meio peito um desmedido aperto. Não haveria como fugir do trabalho, não haveria bezerrinha que me salvasse. Melhor que fosse assim — e foi, de certo modo —. Mas uma coisa ainda podia ser feita: não me abater. Liguei para o meu amigo Caio, não importa o horário ele sempre atendia as ligações e sempre validava minhas insanidades e idiotices. Pulando todos os pormenores, fui direto ao assunto e o chamei para encher a cara. Sem entender muito bem ele me perguntou o motivo pelo qual sair, de pronto respondi qualquer merda que me parecesse impactante:

— Enquanto vivos, vencemos a morte! E para mim isso já é motivo o suficiente para comemorações. — Quão tosco um homem consegue ser? Eu consigo ser muito (e ainda ser melhor, rs).

— Eu não sei que porra você bebeu ou fumou, mas eu topo, sim! Me espera às sete em frente ao Banco Safra, beleza? — respondeu Caio, ainda com um ar de surpresa pela ligação repentina.

Preocupado em não deixar que a euforia se abalasse — e chamo de euforia apenas por falta de nome melhor — decidi apertar o passo e passar em casa, mesmo que isso me custasse alguns minutos e resultasse em mais um atraso. Chegando em casa, não me engasguei com o tempo como de costume, e fui direto para a garrafa de uísque que guardava de modo tímido no canto esquerdo da minha escrivaninha — ao bem da verdade: escondo a garrafa porque divido quarto com um encostado que, se eu der mole, toma a garrafa inteira e ainda me julga por guardar bebida em casa — . Enchi o cantil com o resto da bebida, um pouco menos de meia garrafa.

Essas coisinhas me tomaram algum tempo e acabei atrasando minha volta do almoço, de modo que, quando cheguei, todos já se encontravam em seus lugares — coisa rara! Ninguém passa mais de meia hora sentado — . Passei por todos com a cabeça reta, olhando pra frente e de cenho fechado, porque é sempre importante, independente de ser ou não ser, parecer um funcionário exemplar ou qualquer porra desse tipo. Mesmo que fique, como todos, olhando para o relógio tanto quanto um relojoeiro, contando cada segundo, digitando nú-me-ro por nú-me-ro, fazendo visitas intermináveis ao banheiro, mudando as cores da planilha do excel e toda a sorte de tarefas como-tempo que se pode fazer.

Até às quatro da tarde, horário que costumava tomar de maneira despreocupada o meu café, o relógio não havia sido muito meu amigo, mas dali até às cinco da tarde passou rápido e finalmente deu minha hora. Quanta juventude e inquietude; nada podia esperar. Sai do escritório e decidi vagabundear pelas ruas, enquanto julgava os prédios e pensava em como a maioria parecia uma maquete feita com caixa de leite, por um retardado comedor de meleca ou jogador de Free Fire. Andei sem demasiada pressa, já que o tempo era meu aliado. E sem demasiada pressa fui esperar meu amigo em frente ao Banco Safra.

Durante a longa espera dei umas goladas, assim estreado meu novo cantil. Caio chegou por volta das dezenove horas, deu um salto do ônibus cento e vinte e dois e uma daquelas corridas que não faz nenhuma diferença prática. Atravessou a rua e me cumprimentou com uma euforia quase tão grande quanto a minha; eu o ofereci uma golada do meu uísque para que começássemos bem a noite, ele aceitou, e emendou uma pergunta:

– Você tem alguma ideia de onde ir, ou do que fazer?
– Sei lá. Não planejei à noite, pensei em ficar bêbado e se tiver sorte vê uns peitos... e talvez jogar uma sinuca! — Exclamei dominado por uma inquietante euforia, enquanto Caio dava outra golada no uísque.

- Wine is fine; but whiskey's quicker.
- Take a bottle, drown your sorrows... — Cantei pegando o cantil, dando uma golada e o guardando.

Partimos para o Bilhar, um bar com sinuca e poker. Ficamos por lá até às dez da noite (eu acho). Assim que saí percebi que as luzes ardiavam minhas pupilas extremamente dilatadas, isso provavelmente acontecia porque já havíamos bebido o suficiente para apagar um urso marrom (e não havíamos ficado só no álcool...). Mas ainda havia bastante uísque no cantil, já que a maior parte do que bebemos no Bilhar foi uma cachaça caseira, um Rum barato e umas doses de tequila.

De volta às ruas, minha boca soltava elogios, meias-verdades e meias-mentiras para as garotas — todas — que passavam por mim. Como um cachorro caramelo que late para os carteiros. Segui assim durante todo o caminho até um puteiro, localizado no terceiro andar de um prédio quase tão velho quanto as putas que lá trabalhavam. É como os mais sábios dizem: "A realidade é uma prostituta velha e larga. Cheia de DST 's. Mas como toda prostituta, ela ainda pode te fazer gozar, se você puder pagar!" ouvi isso em algum lugar, mas não me lembro onde.

Assim que chegamos, não pude me conter e comecei gastar como se não houvesse amanhã: era uma mulher que sentava na mesa e pedia duas doses; então chamava uma amiga, que sentava no meu colo e eram mais quatro drinks na comanda. Era tudo no crédito, então o dinheiro não seria uma preocupação naquele momento!

Depois de tirar o veneno, fui com Caio até o ponto de ônibus, após uns minutos de espera ele resolveu pegar um Uber; não demorou muito para que o motorista chegasse, ele se despediu e partiu.

Senti que ainda havia dentro de mim energia a ser queimada e créditos no meu cartão a serem gastos. Parti, então, para o Saideira, lá sempre havia um ou dois conhecidos da época do colégio que não negariam minha presença.

Fui andando sem contar os passos, mas antes parei em um bar qualquer para encher o cantil. Quase não acreditei quando o velho de boné me cobrou quase cem Reais; é claro que ele queria brincar comigo, fazer uma gracinha, um divertimento pessoal, uma maldadezinha honesta.

— Ah, meu nobre, eu não quero saber o preço não, eu quero whisky! — disse tudo rindo de forma bem amigável: bonachona — Pode ir enchendo enquanto eu pego o dinheiro.

Ele ficou parado me encarando por uns segundos, virou-se e foi encher o cantil. Porém, estava começando a ficar sóbrio e já estava até ficando irritado. Assim que o velho voltou com o cantil cheio, coloquei a nota em cima da mesa, mas sem tirar a mão de cima e antes que ele pudesse pegá-la passei a mão no cantil, puxei o dinheiro de volta e sai correndo até o Saideira. Chegando lá, sentia o meu coração socar o meu peito, mas não me preocupava, e nada me preocupava pois minha cabeça dizia — e eu acreditava de corpo e alma que era invencível.

Esperava encontrar, perdidos por lá, o Felipe com sua namorada Sara; o Ródi e a Júlia. O Ródi e a Júlia (eles são primos e vivem juntos) estavam lá; Felipe e Sara já tinham ido embora, após muita insistência de Sara que não queria ter saído de casa. Já passava da meia-noite e não consigo narrar com precisão os diálogos, pois não me lembro. Não de todos.

— Só vocês? Alguém... alguém mais vai colar? — Eu estava tão eufórico que mal conseguia falar.

Formulava a décima frase, ao mesmo tempo que tropeçava para concluir a primeira.

— Eae! Pô, daqui a uns dez minutos o Yan aparece aí. Ele trará... — Foi interrompido pela Júlia. Na realidade ele continuou falando, mas não conseguia ouvir a voz dele; não ouvia nada, meus ouvidos eram dela.

– A Maya também tá vindo. — Dizia a Júlia me olhando nos olhos; sorrindo com os olhos e com os lábios.

Se vocês soubessem como ela me olhava. Essa mulher! Júlia é dona dos olhos azuis mais lindos do mundo, sempre protegidos por suas pálpebras cansadas. Seus olhos, se transformados em um quadro, representariam o encontro da areia com as ondas do mar... com as ondas que avançam sobre a areia... Coisa indescritível; brisa mansa e fulgor insólito.

– Vem aqui! — Ela se levantou, me deu a mão e fomos para o outro lado da rua. Ródi estava balbuciando qualquer merda comigo, mas foda-se. Verdade seja dita: eu só o suportava porque ele era primo da Júlia.

– A Maya, ela gosta de você. Por que não fica com ela? Ela tá vindo sozinha, sem o Ramon!

Ramon e Maya namoravam desde o primeiro ano do ensino médio. Mas há uns meses eles brigaram e se afastaram por um tempo, e durante esse período, Maya e eu, ficamos algumas vezes; eu não gostava dela, na realidade, não sentia absolutamente nada, ela era totalmente indiferente para mim, muito provavelmente não sentiria sua falta nem em um milhão de anos. Não me lembro exatamente o que respondi. Na verdade... foi bem isso: não respondi; dei de ombros e sai de perto dela. Minha intenção era voltar ao grupo, mas fui parado por um sujeito:

- Irmão! Irmãozinho!
- Diz... diz aí! — coisa estranha: eu disse com uma indiferença absurda, e mesmo assim ele sorriu de maneira muito simples, honesta e cândida.
- Você tem um baseado?
- Não.
- Mas você curte fumar um?
- Só quando a maconha não é minha. — Voltei a andar
- E você não quer comprar um baseado? Já vem enrolado! — Assim que exclamou, parou de caminhar ao meu lado. Eu também parei. — cara, tá muito barato. Eu quero vender logo e sair do frio; ir para casa!

Realmente estava frio; estávamos no fim de maio e fazia uns quatorze graus. Eu acabei comprando dois baseados. E logo voltei para o meu honrado grupinho de jovens trabalhadores (mesmo sendo o único que trabalhava). Quando eu voltei, Yan já havia chegado e a Maya estava dobrando a esquina. Acendi o baseado assim que ela chegou; bebíamos uma vodca barata.

Logo comecei a beber meu uísque, que era mil vezes melhor que aquela aguardente russa; peguei o baseado e chamei a Júlia de canto, mas não nos afastamos muito.

— Eu quero... — não completei a frase. Vi descendo a rua, perpendicular à nossa, Ramon.

Não sei por que motivo, por qual razão, mas senti que tinha que deveria me vingar da Júlia. Tinha que fazê-la se sentir culpada de algo, de uma briga; teria sangue e ela seria a culpada; ia me dever desculpas, teria uma dívida comigo. Em um passo já estava em frente à Maya.

— Gosto de você e quero te beijar! Quero te beijar agora! — ela não disse palavra; se debruçou sobre mim: feito gata carente.

Conhecia um pouco do temperamento do Ramon (praticamos Muay thai juntos, por pouco tempo, uns quatro meses; até ele trocar de academia), sei que não ficaria parado me vendo beijar sua namorada — mesmo que não fosse mais sua namorada... tecnicamente.

Não sei quanto tempo durou o beijo, mas me pareceu uma eternidade; o desgraçado não chegava nunca! Mas chegou. Ouvi um falatório; Ródi me empurrou em direção à rua (imbecil) e quase fui atropelado; Maya gritou e foi em direção ao Ramon, mas Júlia a segurou "Deixa... deixa ele resolver!" disse ganindo; Ramon veio livre em minha direção; firmei o tronco, mas não adiantou muita coisa; ele me jogou uma garrafa que trazia na mão (acho que era de vinho), mas eu me defendi; na sequência ele me acertou um frontal e eu andei para trás todo desequilibrado.

E cai depois de levar uma cotovelada entre as sobancelhas, bem acima do nariz, levei alguns chutes quando estava no chão, mas nenhum pegou na minha cara. Assim que ele parou de me chutar, eu me levantei; estava meio tonto (não sei se era pelo álcool, ou pela surra), minha testa parecia pulsar; sentia minhas têmporas se dilatarem e minha boca estava dormente. Saí sem dizer palavra. Fui andando pelo meio da rua.

Fora o Saideira, estava tudo fechado, mas continuei andando, seguindo a direção oposta à minha casa. Não sei que horas eram, meu relógio estava quebrado e deixei meu celular para trás, caído no chão em frente ao Saideira. Mas a madrugada já não era tão escura e comecei a me sentir cansado. Entrei, sabe Deus o porquê, no estacionamento de uma Igreja Metodista. Dormi o sono mais pesado que já tive.

– CAFÉ! Vamos, vamos!

– Hein! — Resmunguei

– Se veio pelo desjejum: entra na fila... se não, vá embora... mas faça alguma coisa, se não eu chamo a polícia.

Sei lá quem me dizia isso. Já era manhã, mas eu não conseguia ficar com os olhos abertos, tinha o sol na minha cara. Esse homem foi me levando (me segurando pelo braço) até uma fila.

Tinha umas quinze pessoas na minha frente, a maioria... bem. Abri os olhos aos poucos, e aos poucos percebi que estava em uma fila de desjejum com mendigos. Eu juro que não queria ter feito minha primeira refeição do dia lá, mas eu não tinha forças (e o cheiro estava muito bom).

– É a sua primeira vez? Foi expulso de casa? Você tinha jardim em casa?

– Hein! É... o que eles servem de café?

– Hoje? — me perguntou tapando a boca com a mão

– Sim, Rain Men, hoje! Agora! — estava começando a me sentir irado; sentia o sangue correr por cada milímetro do meu corpo e minhas veias saltarem. Por um segundo, minha vontade foi de apertar o crânio daquele retardado até estourar, feito um maldito balão barato.

– Hoje é canjica... canjica de amendoim.

– Canjica de amendoim é bom. Você gosta? — de repente me senti próximo dele; senti que deveria lhe dar tudo o que tinha, tudo. Mas não lhe dei nada, contive-me

– Vem aqui sempre, ou só quando é canjica?

– Eu...

– Ah, companheiro... — exclamei o interrompendo — eu não pretendo voltar aqui nunca mais, mas comerei aqui hoje. Eu tenho um emprego.

Enquanto conversávamos a fila andou, e logo chegou a nossa vez. Pegamos uma cumbuca de canjica e sentamos no refeitório.

– Mora na rua?

– Esse é o quarto mês que eu não bebo. Mas mesmo assim ainda estou na rua.

Eu comecei a fuzilar o cara com um monte de perguntas e não me lembro de todas. Mas me lembro de uma: “Sempre morou na rua?” me lembro porque ele ficou uns trinta minutos falando sem parar, e teria continuado falando se eu não tivesse levantado e corrido. Vou contar com as minhas palavras: dizia se chamar Douglas, viveu na rua desde que foi chutado de um abrigo para menores. Disse que morou em uma porrada de cidades e que passou por um monte de abrigos. O único emprego que teve foi como jardineiro em São João Del Rei, trabalhou por sete anos, mas foi demitido depois de roubar o bar da pousada que trabalhava. Assim que foi demitido veio para cá, e vive aqui há nove anos. Recentemente descobriu que tem uma filha, uma criança de três anos que vive com a mãe, uma viciada em crack que não tem família e que se mantém por meio de favores sexuais para o dono de um bar, e para o “Ceguinho” (que não é cego de verdade), dono do quarto que ela divide com outras duas viciadas. Douglas diz estar sóbrio desde que descobriu a paternidade e que pretende voltar, o mais rápido possível, à jardinagem. Quer juntar dinheiro; sonha em pegar sua filha e sustentá-la “longe da miséria e do vício” nas palavras dele.

Se isso é verdade ou não, pouco me importa. Ele parecia ser meio retardado, e não duvido que tenha inventado isso na hora, para chamar minha atenção. De toda forma... eu me levantei para me servir de mais uma cumbuca de canjica. Enquanto me servia, lembrei que tinha que trabalhar, tinha que estar no escritório às 07:00. Larguei a concha e deixei a cumbuca cair no chão, saí correndo, não estava muito longe: bastava seguir pela mesma calçada até a praça (que fica a uns três minutos da igreja) e subir um quarteirão acima. Estava aflito, realmente desesperado. Eu não sabia que horas eram, mas não eram menos de sete horas da manhã; disso eu sabia! Corri até o meio da praça (é uma praça que se estende de forma retangular; ocupando o tamanho de três quarteirões medianos) para ver a hora no relógio central: eram 9 e 30. Voltei a correr; corri até chegar ao escritório. Não demorei mais que cinco minutos para chegar. Assim que bati a senha e entrei veio-me um estalo de sobriedade... Veio-me um mix de arrependimento, mágoas e solidão; essas coisas se entrelaçam e explodiram em um grande buraco-negro, em um nada horrível. Em um segundo tudo ficou frio, distante, vazio.

– Você tá bem? — Me perguntou a recepcionista, como se visse um fantasma.

– Melhor... impossível melhor! — juro: eu também estava assustado; estava com medo de sei lá o quê. Continuei andando em direção a minha mesa

- Ei! Não... o quê que eu tô fazendo?... Não pode se sentar, senhor...
- Senhor? — Respondi rindo. Ela se assustou; arregalou os olhos e pôs a mão na boca.
- É prô cê... cê... tudo bem mesmo?
- Tá, porra! — respondi gritando. Estava encolerizado. — Diz logo! A recepcionista tirou a mão da boca e respirou fundo
- Não pode ir para sua mesa. Tem que subir agora. O chefe tá te esperando na sala dele.
- Ok.
- Me virei e fui em direção à escada.
- Não!
- Oi? — não sabia quem havia dito “não”, mas não era a recepcionista.
- É melhor ir ao banheiro antes. — Quem falava era a Gisele, a mãe de escritório, responsável pela limpeza e o café.
- Sim sim. — Confirmou a recepcionista.

Fui ao banheiro; entrei e me olhei no espelho, era impossível fugir do reflexo; entendi a cara de assustada das moças: estava com o rosto vermelho; com um corte no meio da testa; sorri, estava também com um dente lascado. Sentei no vaso e chorei por uns vinte minutos, até baterem na porta. Não limpei o rosto, e busquei o cantil, estava vazio; sem outra opção, subi.

Cortarei o diálogo que tive com o meu chefe. Conto somente que ouvi calado, quase todo o tempo. Quando decidi falar, me levantei; bati na mesa com as minhas duas mãos e... vomitei. Vomitei pelos quatro cantos da sala. Vomitei até me sentir fraco; me sentei no chão e apoiando minha cabeça na parede, vomitei em mim mesmo. Meu chefe ficou em choque e não disse nada; eu também estava em choque, mas me levantei.

– Me levanto por que ainda tenho dignidade! — gritei apontando o dedo na cara dele.

– Vai embora. — Disse meu chefe em voz baixa e sentando na cadeira.

– Pode me demitir por justa causa?

– Posso. Só nunca mais volte aqui. Vá embora agora! Deixe tudo o que tiver aqui, aqui; mesmo que seja seu. Depois terá seu reembolso.

Fui embora, mas coisa estranha: longe de me sentir ferrado, me sentia vivo, sentia que realmente, naquele momento, mais que nunca, tinha o controle da minha vida.

Comecei a andar, tentando pensar em como aproveitar a sexta — “Mas com que dinheiro!”. Consegui... consegui com algum custo convencer um relojoeiro da rua São Mateus a penhorar o meu relógio (ele não fazia penhora, mas eu era um cliente antigo. E mesmo quebrado, meu relógio era muito valioso, muito caro; havia ganho do meu pai. Era uma herança de família), me pagou duzentos reais, aceitei mesmo sabendo que valia pelo menos duas vezes mais. Tinha quase quatrocentos reais em espécie e mais ou menos mil reais no cartão de crédito. Vaguei pelas ruas e por volta das 18:00 fui parar na praça. Lá reencontrei o Douglas. Ele estava feliz; e por incrível que pareça, eu também estava.

– Douglas! Meu consagrado Rain Men!

Ele falava demais, e em resumo: disse que havia conseguido um emprego como carregador de caminhão em uma distribuidora de produtos rurais em São Pedro. Eu estava em êxtase e o convenci a comemorar. Ele relutou, mas não muito; bebemos. Bebemos muito. Não sei de quem foi a ideia da heroína. Não sei mesmo! Tentamos comprar com uns conhecidos dele, mas não tinham heroína. fui voto vencido — pro bem da verdade, fui convencido e compramos crack.

Eu comprei. foi com o meu dinheiro, ele não tinha nenhum tostão. Ele deu a ideia de queimarmos a pedra sob o viaduto, mas não poderia, em mil anos, me colocar em cenário tão decadente e o levei para no túnel que passa por baixo da AV. Independência, pertencendo, se muito não me engano, ao Shopping Independência: "Ninguém passa lá!.. De madrugada e no frio... não vai ter ninguém, né!?" Inquiriu-me duas vezes, mas eu nada respondia. Quando chegamos lá ele começou a preparar as coisas... e... e ele foi primeiro. Deu algumas tragadas, caiu para o lado e fechou, calmamente, os olhos... Mas... mas eu não tive coragem e o abandonei lá. Deixei toda a droga... toda a droga que comprei, lá, com ele.

Flanei madrugada afora; cheguei em casa pela manhã, mais ou menos às cinco. Ainda não dormi. Não dormirei! A vida é uma taça frágil, se quebrará a qualquer momento...

Em verdade, em verdade vos digo: bebam o vinho antes de quebrarem o cálice!

Nitya

नित्य



www.thebookishman.com